



FOLHA INFORMATIVA N°36-2011

II Jornadas Europeias do Património – Constância 2011

ECOCONSTÂNCIA – Navegar sobre estas águas...

Outra janela aberta no Tejo...



Mais uma janela aberta para descobrir a
Vila Poema...

Integrado nas comemorações das II Jornadas Europeias do Património, a Câmara Municipal de Constância, no passado dia 25 de Setembro de 2011, promoveu um passeio fluvial denominado *EcoConstância*.



Acompanhou-o o Eng.^o Tiago Lopes para falar da fauna e flora e a Sr.^a Cristina Bento, filha de um “marítimo” do Tejo que nos ajudou a ver o rio com um olhar de outra época.

Do Pelourinho, na Praça Alexandre Herculano, o grupo caminha na direção do Tejo. Reparte-se pelos dois barcos, aí ancorados.

O sol ilumina as águas com reflexos de prata. Ruma-se a montante. Ao lado direito, a margem verde do Tejo; nela se avistam algumas quintas, as reentrâncias de areia e os salgueiros caídos sobre a água, confundindo-a no verde da folhagem. Ao meio, o rio é azul. Sulca-o o barco que nos precede, abrindo “caminho” e agitando a tona. Vamos ouvindo o Eng.^o Tiago a falar-nos dos dois rios.



O rio Zêzere corre em vale quase sempre estreito, ladeado de rochas metamórficas, enquanto o Tejo, a partir de Constância, se espraia por entre sedimentos. Observamos as curvas do Tejo e a oposição das sinuosidades do seu curso com os depósitos de areia das margens. Explica-nos como se processa a deposição de sedimentos e de como estes são importantes para alterar o aspeto do rio e a fertilidade das terras, aquando das enchentes. O lado do rio sem

areia e com vegetação é sinónimo da velocidade da água que arrasta os sedimentos de uma margem para a outra. Se não houver vegetação que detenha a corrente, o rio alarga arrastando terrenos agrícolas. A vegetação é essencialmente composta de salgueiros - de onde se extrai a salicina, substância que se encontra na composição da “Aspirina” -, choupos e pontualmente freixos. As canas foram introduzidas pela mão do homem e estas marcas da

intervenção humana são bem visíveis nos canaviais que ondulam à beira rio.



Uma águia pescadora surge inesperadamente e o grupo acompanha o seu voo majestoso. Um aparecimento raro, na opinião do Eng.^o Tiago, por isso a curiosidade é bastante. Os patos-reais, abundantes por aqui, são a nota “infantil” que todos admiram. Os mais jovens seguem os pais em impulsos irrequietos, como crianças em tarde de passeio. Existem também corvos marinhos e, por

vezes, observam-se lontras.

Nos ramos dos salgueiros, garças brancas lembram flor de algodão...



Continuamos a navegar por estas estradas líquidas até Porto da Barca...



No outro barco, a Sr.^a Cristina “desfia” páginas de história...

Fala-nos também do seu pai, Sr. Hermínio Bento, “marítimo” de Constância, “último marítimo” de Constância em atividade até meados de 1940. Transportava palha, sal, madeira, cortiça, cereais e vinhos vindos do Alentejo até Lisboa. Nunca chegavam ao mar, mas chamavam-se “marítimos”.

Paramos no Porto da Cova. Aqui, na confluência do Zêzere com o Tejo, erguia-se outrora a residência da família Sande, os senhores de Punhete (nome antigo de Constância), que na altura mandaram reconstruir o castelo que existia desde o Séc. XII. Consta que em 1150 este castelo tinha sido reconquistado e reconstruído por volta do ano de 1152, por ordem de Gualdim Pais, o Mestre da Ordem do Templo. A família Sande manda-o refazer no Séc. XVI, cerca de 1529, desta vez alterando as fachadas e mantendo a torre. O castelo fica assim com o aspecto de um palácio quinhentista. Mais tarde, no século XIX, já só existem as ruínas da torre e do palácio. Em 1904 é definitivamente demolido por ordem da Câmara Municipal.

Ainda me recordo, era eu criança, de ver na margem direita do Zêzere, no lugar onde em frente se ergue hoje o Cineteatro dos Rios, um aglomerado maior de pedras e seixos, que as pessoas chamavam de “Torre”. Da Torre, em si, nada restava e só na imaginação se poderia reerguer as marcas do antigo edifício. No entanto, considero estas recordações como um verdadeiro tesouro, já que, atualmente, o arredondado da confluência nada deixa antever para além de um punhado de pedra solta que poderia bem ser apenas um “depósito” de seixos do rio.



Foto publicada na Investigação da Casa dos Arcos | trecho da “Descrição da Villa de Punhete”, datado de 1830, pelo Padre Veríssimo José de Oliveira
<http://blog.thomar.org/2011/08/torre-de-punhete-parte-ii.html>

A foto revela a Torre em ruínas. Nenhuma existe anterior ao Séc. XIX. Nas memórias da paróquia de 1758 acham-se registos que nos dizem que este “nobilíssimo palácio chamado da Torre, fabricado entre os dois mencionados Rios,... nos vestígios se deixa conhecer muito bem a sua magnificência”. in “Memórias das Paróquias de 1758”, da Vila de Punhete.



O sol vai descendo no horizonte; as tonalidades do rio mudam, por isso o Tejo é sempre novo...



Os saberes de Tiago e Cristina...duas vozes, duas formas diferentes e complementares de “olhar” o rio...



A Igreja matriz, altaneira, no cimo da colina



A resistência de uma casa Avieira, sobranceira do Tejo



Constância... “Na confluência dos rios, a sedução do encontro”

Segreda-nos a Sr.ª Cristina Bento: - “diziam os antigos que o encontro do rio Zêzere no Tejo provocava roncões que se ouviam a quilómetros de distância quando ainda não havia ainda a barragem de Castelo de Bode”.

Os rios foram determinantes para a vida desta população e de Constância. Os “marítimos”, como eram chamados, viviam do rio e para o rio. Constância cresceu graças ao Tejo e tempos houve (não há muitos) que a sua importância era enorme no desenvolvimento da economia local, regional e nacional.



Com a chegada dos caminhos-de-ferro, o rio pouco a pouco foi perdendo o seu estatuto de via comercial e o comboio assumiu a ligação com Lisboa, escoando os produtos...



Hoje, o Tejo não é rota comercial e Constância já não é porto de marítimos. Continua, porém, a ser a “Notável Vila de Constância”, a Vila Poema, que muitos elegem para local de passeio, lazer ou cultura.

Constância, o Zêzere e o Tejo, são palco de uma imensa atividade: - desde os desportos praticados no rio, onde a canoagem se destaca, até aos passeios pedestres nas margens, aos saraus culturais, exposições, festividades religiosas (Procissão de Nossa Senhora da Boa Viagem) e feiras temáticas. Destas se destacam por exemplo as “Pomonas Camonianas”, realizadas anualmente por ocasião do dia 10 de Junho, recriando a época quinhentista num tributo ao Poeta e às divindades que presidiam ao florescimento dos frutos e das flores.

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades....*

Luís de Camões



Ana Paula Pinto

Carlos Vitorino